



OS TRAÇOS EXISTENCIAIS DA PERSONAGEM GUTA NA OBRA *AS TRÊS MARIAS* DE RACHEL DE QUEIROZ

THE EXISTENTIAL FEATURES OF THE CHARACTER GUTA IN THE WORK *AS TRÊS MARIAS* BY RACHEL DE QUEIROZ

Gustavo Costa¹

Recebimento do texto: 20/03/2018

Data de aceite: 17/04/2018

RESUMO: A obra *As três Marias* foi publicada em 1939 pela autora cearense Rachel de Queiroz. Nesta obra, a personagem Maria Augusta (Guta) narra a história de sua vida e de suas amigas do internato: Maria José e Maria da Glória, desde a infância até a idade adulta, em um tempo cronológico. A amizade entre as três continua após deixarem o internato. Guta volta à sua casa no sertão nordestino, porém, vai à capital Fortaleza para trabalhar pouco tempo depois, iniciando sua vida amorosa na capital cearense, que segue em uma viagem ao Rio de Janeiro. O objetivo deste artigo é identificar na narração de Guta características relacionadas às crises existenciais da personagem; igualmente, compreender, por meio das passagens da obra as razões que levam Guta a questionar o sentido de sua própria vida e dos demais personagens próximos de seu convívio. O amor, as escolhas e crises existenciais são notados no discurso de Guta, causando no leitor curiosidade e questionamento sobre os relatos da mesma.

PALAVRAS-CHAVE: Crise Existencial; Rachel de Queiroz; *As Três Marias*; Literatura Brasileira.

ABSTRACT: The work *As três Marias* was published in 1939 by the *cearense* author Rachel de Queiroz. In this work, the character Maria Augusta (Guta) tells the story of her life and her friends from boarding school: Maria José and Maria da Glória, from childhood to adulthood, in a chronological time. The friendship among the three continues after they leave the boarding school. Guta returns to her home in the northeastern backlands, but goes to Fortaleza to work shortly thereafter, initiating her love life in the capital of *Ceará*, then, in a trip she takes to Rio de Janeiro. The objective of this article is to identify in the narrative of Guta characteristics related to existential crises of the character; Also, to understand, through the passages of the work and theories about existentialism, the reasons that lead Guta to question the meaning of her own life and of the other characters close to her conviviality. Love, choices and existentialist crisis are noted in Guta's words, causing in the reader curiosity and questionings about the character's reports.

KEYWORDS: Existential Crisis; Rachel de Queiroz; *As Três Marias*; Brazilian Literature.

¹ Mestre em Estudos Hispânicos pela Stephen F. Austin State University. Doutorando em Espanhol pela Texas Tech University. E-mail: gustavo.costa@ttu.edu





Para mim, pobre pequena, que na idade dos sonhos e das esperanças não sentia mais esperanças nem sonhos e me via num desespero gratuito, inteiramente só no mundo imenso, sem solução e sem destino, a morte parecia o porto, a tranquilidade, o limite. (QUEIROZ, 1939, p. 92).

As três Marias é uma obra da escritora cearense brasileira Rachel de Queiroz publicada no ano de 1939. A escritora, nascida em 1910 na cidade de Fortaleza, no Ceará, não somente se tornou uma escritora de reconhecimento nacional, mas também atuou como jornalista, cronista e tradutora (SOUZA, 2016, p. 1). A autora foi a primeira escritora feminina a ter notoriedade e ser respeitada no cenário literário nacional (TORRES, 2015, p. 307), inclusive, Graciliano Ramos, pensou que a primeira obra de Rachel, *O Quinze*, tivesse sido escrita por um homem, duvidando do fato de uma mulher ter a capacidade de escrever um romance. Segundo a autora, sua obra *As três Marias* é seu romance mais autobiográfico, o que lhe causou dificuldades em desassociar o que realmente viveu, o que viu e as memórias daquele tempo (TORRES, 2014, p. 380). As semelhanças entre a escritora e a narradora são visíveis: O fato de serem cearenses, de terem estudado em um colégio religioso e de haverem se afastado da vida sagrada.

A obra *As três Marias* é narrada em primeira pessoa e como personagens principais traz três mulheres cujas vidas se dão a conhecer desde a infância até a idade adulta: Maria Augusta (Guta), Maria da Glória e Maria José, sendo Guta a personagem que narra sua história e a das companheiras. A narração tem início no período da infância em um internato religioso, ambiente este que se pode conectar ao título da obra, trazendo o símbolo da Virgem Maria ao nome das personagens, o que proporciona a imagem de um ambiente religioso, igualmente às estrelas do céu, as quais estão sempre juntas, simbolizando a união assim como as personagens na obra





Glória olhou para mim, eu olhei para Maria José. Sorrimos. "As três Marias!" As três Marias bíblicas? As três estrelas do céu? A classe achou graça, o apelido ficou. Nós mesmas nos orgulhávamos dele, sentíamos-nos isoladas numa trindade celeste, aristocrática, no meio da plebe das outras. (QUEIROZ, 1939, p. 22, grifo da autora).

As experiências vividas por Guta e por suas companheiras são relatadas pela personagem que, principalmente, expõe suas preocupações e insatisfações com esse ambiente onde ficam fechadas, com poucas possibilidades de viver uma vida livre fora dos muros do internato, de saber o que existe além do internato, de poder sentir e existir fora dali. Este ensaio tem como objetivo encontrar no texto de Rachel de Queiroz momentos de aflição da personagem Guta os quais evidenciam suas crises existenciais na narração. Dois momentos são tratados na história: A de Guta no internato religioso com suas companheiras, ainda sendo uma menina e a de sua saída do internato já na fase transitória da adolescência à idade adulta, sendo este o momento em que retorna à casa dos pais, em seguida, a escolha de enfrentar a vida fora de seu ambiente familiar, buscando a felicidade interior que a personagem tanto anela.

Durante toda a narração, o leitor percebe um desabafo pessoal da personagem Maria Augusta, a crise existencial que faz com que a personagem tente entender como ser feliz nesse mundo através da busca de mudanças em sua vida, sendo essas, muitas vezes, não alcançadas, o que faz com que a concepção de morte seja pensada pela protagonista como uma fuga à liberdade "E sonhar, sonhar como com uma felicidade impossível, numa morte doce e rápida, sem dores e sem miséria, uma morte feliz e sorradeira como um sono, justamente como esse sono que está faltando" (QUEIROZ, 1939, p. 48).





Os acontecimentos na vida da protagonista deram início aos pensamentos e desesperos em sua mente desde a infância. Não chegou a conhecer sua mãe, que havia morrido. Logo, a falta da figura feminina em sua vida e, obviamente, sendo a de uma figura importante como a de uma mãe, aponta a falta de relações sentimentais maternos entre mãe e filha, questão essa que pode ter dado início aos sentimentos encontrados da personagem. No colégio “Guta era considerada como uma menina muito curiosa, vista como “pecadora” e transgressora em seus pensamentos e atitudes” (SOUZA, 2016, p. 3, grifo da autora). Um exemplo do comportamento de Guta diz respeito a leitura de um romance proibido no colégio, escondido das freiras, junto a outras internas. Outro exemplo é o comportamento de Guta ou seus pensamentos sobre a vestimenta das irmãs, não aceitando o que via, já que considerava incoerentes as normas sociais, como o exemplo a seguir

Para mim um coração de freira tinha de ser velho, de mil anos. E o da irmãzinha era um coração ingênuo de 20 anos, ignorante do mundo. Eu que errava, eu que pecava. Eu que inventava a contravenção e me escandalizava com a candura daquela menina vestida de freira (QUEIROZ, 1939, p. 20).

O porto seguro de Guta no colégio, entretanto, era sua amizade com Maria da Glória e Maria José. Se protegiam contra a tristeza de se estar perdendo a possibilidade de conhecer o além daqueles muros do internato “Em torno de nós, os muros se erguiam, levantando-se agora mais meio metro, para prevenir novas fugas. Aqui e além tijolos esparsos, montes de argamassa, a desordem da construção” (ibid, p. 44). Entretanto, a amizade das *três Marias* era tão forte que ao olhar para as estrelas do céu se acalmavam “Mas, que nos importavam os muros, a prisão mais fechada e mais alta? Nós tínhamos as nossas estrelas” (ibid, p. 44).





Chegou o momento de Guta sair do colégio. Finalmente, iria ser livre em busca do novo, da expectativa de lidar com o desconhecido e do escape como esperança da felicidade plena, encontraria um sentido para sua vida que, dando fim ao descontentamento com sua própria existência. O pessimismo da personagem é contínuo e a ideia de morte uma obstinação. Enquanto no internato, Guta se sentia segura, ainda que presa emocionalmente e fisicamente entre àqueles muros, onde a rigidez era expressiva. Entretanto, ao sair de lá, o que seria de sua vida? A liberdade lhe traria a felicidade que tanto desejava? Como uma menina que não conhecia quase nada enfrentaria o mundo em busca de suas aspirações?

Ao sair do internato, volta para a casa de seu pai no sertão cearense. Persuade-o a deixá-la viver na capital, já que não se sentia feliz ali, afinal, havia logrado a liberdade do internato, logo, não queria sentir-se presa outra vez, em sua casa, necessitava voar “Atravessei aqueles meses em casa como num hotel [...] Envergonhava-me dizer, mas não considerava aquilo o meu lar, ou pior, não sentia necessidade de lar, e tudo me parecia aborrecido, monótono e intruso” (ibid, p. 50). Segundo o filósofo francês Sartre

para a realidade humana, ser é escolher-se: nada lhe vem de fora, ou tampouco de dentro, que ela possa receber ou aceitar. Está inteiramente abandonada, sem qualquer ajuda de nenhuma espécie, à insustentável necessidade de fazer-se ser até o mínimo detalhe. Assim, a liberdade não é um ser: é o ser do homem, ou seja, seu nada de ser (SARTRE, 1997, p. 545).

Logo, se conectarmos esse pensamento ao contexto da obra, a personagem Guta possui o livre arbítrio de fazer suas escolhas, por exemplo, ficar na casa do pai ou deixar o âmbito familiar e buscar um novo rumo para sua vida. Preferiu à segunda opção, indo trabalhar na cidade “Comecei a trabalhar. E parecia-me que a felicidade começava. Viver sozinha, viver de mim, viver por mim, livrar-me da família, livrar-me das raízes, ser só, ser





livre! (QUEIROZ, 1939, p. 51-52). Será que por fim Guta encontrará sua plena felicidade?

Muda-se para a cidade, começa a trabalhar. Aí começa sua vida sentimental. Primeiramente, se interessou por um homem casado, que se chamava Raul. Era pintor e usava drogas. Ele lhe apresentou Aluísio, que acabou tendo interesse em Guta a tal ponto de cometer suicídio, situação que alguns responsabilizaram Maria Augusta pelo acontecimento. Contudo, a personagem não sabia do interesse do rapaz por ela, o via como um amigo. Neste contexto mais uma vez é apresentado um ambiente de tristeza e morte, tendo-se a melancolia e o desinteresse pelas coisas mundanas como acompanhantes desse momento de tragédia “Deixei de olhar para o mundo, que sempre me parecera tão bonito antes - o céu, as paisagens, as flores. Tomei horror a rosas - flores de enfeitar mortos, flores de enterro, feitas para cheirar dentro de caixões e por cima de túmulos” (ibid, p.102). Nota-se que Guta leva um vazio interior que não se preenche e que anela que o mundo mude para satisfazê-la, no entanto, não percebe que é ela quem tem a necessidade de mudar a si mesma. Sartre afirma que “[...] o importante não é o que o mundo faz com cada ser humano, mas sim, o que cada ser humano faz com aquilo que o mundo fez dele” (SARTRE, 1997), logo, Guta precisa resolver seus males interiores para poder gozar do que o mundo lhe tem a oferecer, caso contrário, não encontrará sua satisfação pessoal.

Logo de tantas tristezas, sua amiga Maria José lhe propõe tirar uma licença de seu trabalho e ir ao Rio de Janeiro de Férias. O que tinha Guta a perder? Resolveu escrever-lhe uma carta ao pai e pedir-lhe dinheiro para a viagem “Porém, felizmente, papai compreendeu minha necessidade de mudar de horizonte e o meu desejo de ver um pouco o mundo” (QUEIROZ, 1939, p. 103). No Rio de Janeiro, na pensão onde se hospedou, conheceu Isaac, médico e estudante, um estrangeiro que vivia no Brasil e tinha como objetivo





fazer a revalidação de seu diploma no país. Isaac e Guta se deram muito bem, trocavam experiências de suas terras, passeavam pela cidade, parecia que a felicidade finalmente tinha invadido o ser de Guta e que seus momentos de desesperança tinham ficado para trás

Afinal eu atingia aquela impressão de felicidade e sossego que sempre julgara impossível, inalcançável, no vácuo das velhas noites, quando alimentava em longas imaginações o meu desejo de morte. Agora parava ali. Não pensava, não sonhava, não queria nada, deixava-me estar, passiva e imóvel (ibid, p. 108).

Guta estava apaixonada! Porém, a personagem começou a se sentir um pouco sozinha quando Isaac precisava estudar, apesar de estar próxima a ele, era muito forte a necessidade de se estar junto ao amado e ter sua atenção. Teve sua primeira relação sexual, mas apesar da aproximação de Isaac, Guta esperava mais do parceiro, queria ter o prazer entre mútuo e não somente dar-lhe prazer ao parceiro, outra vez se sentiu só, tanto que depois da relação diz

Eu estava lúcida, lúcida e magoada, e extraordinariamente triste e medrosa. Queria que ele me consolasse, me abraçasse, me compensasse de tudo. Porém Isaac, na sua sonolência, deixava-me estar sozinha, e parecia que minha função terminara ali - pelo menos até que o seu desejo renascesse (ibid, p. 112).

A necessidade do outro para ser feliz é constante na vida de Guta, não logra ser feliz sozinha. Podemos pensar, neste caso, na falta de experiência sexual da personagem e na expectativa vivida por ela como um dos motivos que lhe proporcionaram estas emoções desencontradas: a do prazer e a da solidão.

O pedido de prorrogação da licença de seu trabalho no Ceará não havia sigo aceita, logo, teria que voltar, já que não teria fundos suficientes para se manter no Rio de Janeiro. Maria Augusta deixa o amado e volta ao Ceará “Se ele me pedisse que ficasse, eu lhe obedeceria decerto, coisa sua que eu era.





Mas ele próprio é que nem encarava a possibilidade de me ver ficar e aludia a isso como um sonho impossível” (ibid, p. 114). Percebe-se, neste contexto, que Guta espera Isaac pedir-lhe que fique, assim, ela vê no “outro” a possibilidade de sua felicidade. Por que não partir dela o esforço, pelo menos da tentativa de ficar? Por que render-se tão facilmente? A razão é que Guta já está acostumada a deixar que o tempo e as circunstâncias dirijam sua vida, por tanto, seu pessimismo a leva ao desencanto com a vida.

Guta volta a sua rotina no Ceará, ao seu trabalho, a dividir a casa com Maria José e às suas leituras “sentia-me como se me obrigassem a voltar à infância, a pular na corda, a rezar o terço ao meio-dia com as irmãs” (ibid, p. 116), no entanto, o medo de uma possível gravidez a amedrontava, pois perderia o emprego, teria que enfrentar o pai e a sociedade, afinal, uma moça, do sertão, grávida, sem ter um marido, o mundo desabaria em sua cabeça. O pessimismo de Guta era extremo que já imaginava os problemas que poderia ter o filho, comparando-o ao filho de sua amiga Jandira “E prendia-me também o pensamento desse filho que talvez se esteja criando dentro de mim, e que pode, por desgraça, ser cego também e cantar, e ser triste e infeliz como aquele” (ibid, 1939, p. 119). Confirmou-se sua gravidez. O desespero tomou conta de si. O que pensaria sua amiga devota Maria José? “O mundo é tão sujo e triste! Para que saber de tudo? Pobre da Guta, meu Deus do céu, quando é que ficará boa? Que seja logo, e se converta e crie juízo! Minha Nossa Senhora, por que não a guarda melhor?” (ibid, 1939, p. 127). A opinião do “outro” é igualmente uma preocupação da personagem, conferindo-lhe inquietação. Aborta a criança, sendo a maneira mais fácil de sair desta situação. O que mudaria em sua vida? Nada. Novamente, o mundo não mudaria por Guta, e sim ela teria que mudar para o mundo. Decide voltar ao sertão, à casa de seu pai “O trem vai atrasado e vagaroso. A noite fechou de





todo, melancólica e cinzenta, como a caatinga, donde ela sobe” (ibid, 1939, p. 130).

Concluindo, a tristeza e os desejos de Guta de sentir a felicidade plena não acabaram, pois seu problema estava na alma

Para Guta, a opção de voltar à casa paterna está relacionada à sua desilusão total com respeito à possibilidade de criar uma forma de vida capaz de fazê-la sentir-se satisfeita consigo mesma e com o mundo que a rodeia. Ela não se importa onde esteja, seus sonhos e ideias estão arruinados e somente lhe resta esperar a morte² (SANTOS, 1999, p. 215).

A personagem percorreu vários caminhos em busca da paz interior que não encontrava. Atormentada, queria alcançar a satisfação pessoal através da fuga, do desconhecido, do amor. Entretanto, sua insatisfação com os acontecimentos mundanos que a envolviam não lhe permitia gozar e viver a vida com plenitude. O mundo oferece opções aos que nele vivem, resta ao ser humano fazer suas escolhas para gozar do que a vida tem-lhe a oferecer. Guta acomodou-se, não tentou mudar a si própria, buscou no “outro” e na distância sua felicidade, desistindo ao final e voltando à sua casa à espera da morte “E nem sei quanto tempo hei de ficar ainda, sozinha e desamparada, brilhando na escuridão, até que minha luz se apague” (QUEIROZ, 1939, p. 130). Percebe-se então que Guta se cansou de lutar contra si mesma, a infelicidade que a acompanhava só terminaria quando ela já não fizesse mais parte desse mundo. Rendeu-se e não pensou em empreender um novo intento de fuga. Sua crise existencial a dominou por completo, restando-lhe olhar para o céu a observar o brilho das *três Marias*, pensar nos momentos bons que viveu junto às amigas do internato, onde a força de uma protegia a outra, refugiando a dor de sua alma nessas lembranças do passado.

² Tradução do autor desse artigo.





Referências

ELLISON, Fred P.. **Brazil's new novel: four northeastern masters; José Lins do Rego, Jorge Amado, Graciliano Ramos and Rachel de Queiroz**. Berkley: Berkeley University Of California Press, 1954. 191 p.

QUEIROZ, Rachel de. **As três Marias**. 1939. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/318720703/As-Tres-Marias-Rachel-de-Queiroz-pdf>>. Acesso em: 1 abr. 2017.

SANTOS, Ana Regina Faria dos. La polémica existencialista de As tres Marías y Dôra, Doralina de Rachel de Queiroz. **Revista de La Dirección de Cultura y Extensión**, Mérida, v. 31, n. 39, p.205-216, 1999. Disponível em: <<http://erevistas.saber.ula.ve/index.php/actualinvestigacion/article/view/2642>>. Acesso em: 22 mar. 2017.

SARTRE, Jean- Paul. **O ser e o nada: ensaio de fenomenologia ontológica**. 5. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

SOUZA, Mariana Elena Pinheiro dos Santos de. **A ótica memorialista no romance As três Marias (1939), de Rachel de Queiroz**. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA, 7., 2016, Cuiabá: UFMT, 2016. p. 1 - 6.

TORRES, Livia. **Autonomia e frustração no universo feminino em O Quinze e as Três Marias, de Rachel de Queiroz**. In: SAPPIL, 6., 2015, Rio de Janeiro: Uff, 2015. v. 1, p. 305 - 319.

_____. **Imagens da mulher em O Quinze e As três Marias de Rachel de Queiroz: Autonomia x frustração**. In: SEMINÁRIO DOS ALUNOS DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO DO INSTITUTO DE LETRAS, 5., 2014, Rio de Janeiro: UFF, 2014. v. 1, p. 376 - 384.

